

NOTA DO AUTOR

Este livro nasceu quando eu estava com fome. Deixem-me explicar. Na Primavera de 1996 saiu no Canadá o meu segundo livro, um romance. O livro não teve êxito. Os críticos ficaram confusos ou condenaram-no com falsos elogios. Depois, os leitores ignoraram-no. Apesar dos meus melhores esforços a fazer de palhaço ou de trapezista, o circo dos meios de informação não fez qualquer diferença. O livro ficou parado. Os exemplares alinhavam-se nas prateleiras das livrarias como crianças paradas numa fila para jogar basebol ou futebol, e o meu era o miúdo desajeitado que ninguém queria na sua equipa. Desapareceu depressa e silenciosamente.

O fiasco não me afectou demasiado. Já estava noutra história, um romance passado em Portugal em 1939. Mas estava a sentir-me insatisfeito. E tinha algum dinheiro, não muito.

Por isso parti para Bombaim. Isto não é assim tão ilógico se compreendermos três coisas: que uma ocupação na Índia vencerá a impaciência de qualquer criatura viva; que ali um pouco de dinheiro pode levar-nos muito longe; e que um romance passado em Portugal em 1939 pode ter muito pouco que ver com Portugal em 1939.

Já tinha estado na Índia antes, no Norte, durante cinco meses. Na primeira viagem, chegara ao subcontinente completamente impreparado. Na realidade, a minha preparação resumia-se a uma palavra. Quando falei a um amigo que conhecia bem o país dos meus planos de viagem, ele disse como por acaso: «Na Índia falam um inglês esquisito. Gostam de palavras como lograr.» Lembrei-me dessa palavra quando o meu avião começou a sua descida em direcção a Deli, por isso a palavra «lograr» era a minha única preparação para a rica, estrondosa e, apesar de tudo, bem-sucedida loucura da Índia. Usei a palavra numa ocasião e, para dizer a verdade, ela foi-

-me muito útil. Disse a um funcionário da estação ferroviária: «Não pensei que a viagem fosse tão cara. Não está a tentar lograr-me, pois não?» Ele sorriu e cantarolou: «Não senhor, não há aqui logro. Cobrei-lhe a tarifa certa.»

Desta segunda vez na Índia, sabia melhor o que devia esperar e sabia aquilo que queria: instalar-me numa estância de montanha e escrever o meu romance. Via-me a mim mesmo sentado a uma mesa numa grande varanda, os meus apontamentos espalhados à minha frente, ao lado de uma chávena de chá fumegante. Colinas verdes carregadas de névoa estender-se-iam a meus pés, e os gritos estridentes dos macacos encher-me-iam os ouvidos. O tempo estaria bom, exigindo um pulôver ligeiro de manhã e ao fim da tarde, e qualquer coisa com mangas curtas a meio do dia. Assim equipado, com a caneta na mão, a bem da verdade suprema, ia transformar Portugal numa ficção. A ficção é isso, não é verdade, a transformação selectiva da realidade? Torcê-la para lhe extrair a essência? Que necessidade tinha eu de ir a Portugal?

A senhora que dirigia o local havia de me contar histórias acerca da luta para expulsar os Britânicos. Combinaríamos qual seria o meu almoço e jantar do dia seguinte. Depois de terminado o meu dia de escrita, iria dar os meus passeios pelas colinas ondeadas das plantações de chá. Infelizmente, o romance engasgou-se, tossiu e morreu. Isto aconteceu em Matheran, uma pequena estância de montanha, não muito longe de Bombaim, com alguns macacos mas sem plantações de chá. Esta é uma desgraça própria dos potenciais candidatos a escritores. O teu tema é bom, as tuas frases são boas. As tuas personagens tão vivazes que praticamente precisam de certidões de nascimento. O trecho que traçaste para elas é excelente, simples e absorvente. Fizeste a tua investigação, reunindo os factos — históricos, sociais, climáticos, gastronómicos — que hão-de dar à tua história a sua impressão de autenticidade. O diálogo avança com energia, a rebentar de intensidade. As descrições brotam com brilho, contraste e pormenor narrativo. Na realidade, a tua história não pode deixar de ser excelente. Mas tudo isso somado não chega a nada. A despeito da sua óbvia e brilhante promessa, chega um momento em que compreendes que o murmúrio que esteve continuamente a importunar-te, vindo do mais recôndito da tua mente, está a dizer a simples e horrível verdade: não vai funcionar. Falta o princípio fundamental, a centelha que dá vida a uma história real, independentemente dela ou a

comida estar certa. A tua história está emocionalmente morta, essa é a questão fulcral. Essa descoberta é qualquer coisa que dá para destruir a alma, digo-lhes eu. Deixa-te com uma fome dolorosa.

De Matheran enviei pelo correio o rascunho do meu romance falhado. Enviei-o para um endereço fictício na Sibéria, com um remetente igualmente fictício, na Bolívia. Depois de o funcionário ter selado o envelope e tê-lo atirado para uma caixa de classificação, sentei-me, taciturno e desanimado. «Que vais fazer agora, Tolstoi? Que ideias brilhantes tens tu para a tua vida?», perguntei a mim mesmo.

Bem, ainda tinha algum dinheiro, e ainda me sentia impaciente. Levantei-me e saí da estação dos correios para explorar o Sul da Índia.

Gostaria de ter dito: «Sou doutor», àqueles que me perguntavam o que fazia, porque os doutores são os actuais fornecedores de magia e de milagres. Mas tenbo a certeza de que teríamos tido um acidente de autocarro na próxima curva, e com todos os olhos fixos em mim teria de explicar, no meio dos choros e dos gemidos das vítimas, que era doutor em leis; ao seu apelo para que os ajudasse a processar o governo pelo acidente, teria de confessar que na realidade era bacharel em Filosofia. Depois, perante os gritos sobre que significado poderia ter uma tragédia tão sangrenta, teria de admitir que mal havia tocado em Kierkegaard, e assim por diante. Fiquei-me pela humilde e aflitiva verdade.

Durante a viagem, aqui e ali, obtive a resposta: «Escritor? É verdade? Tenbo uma história para si.» A maior parte das vezes as histórias eram pouco mais do que anedotas, sem fôlego e sem vida.

Cheguei à cidade de Pondicherry, um minúsculo território autónomo da União, a sul de Madrasta, na costa de Tamil Nadu. Em população e em dimensões, é uma parte irrelevante da Índia — por comparação, a ilha do Príncipe Eduardo é um gigante dentro do Canadá —, mas a História deu-lhe um lugar à parte. Porque Pondicherry foi em tempos a capital do mais modesto dos impérios coloniais, a Índia Francesa. Os Franceses gostariam de ter rivalizado com os Britânicos, isso é indiscutível, mas o único Raj que eles conseguiram obter foi o de uma mancheia de pequenos portos. Apegaram-se a eles durante cerca de trezentos anos. Saíram de Pondicherry em 1954, deixando atrás de si belos edifícios brancos, ruas largas fazendo ângulos rectos, nomes de ruas como Rue de la Marine e Rue de Saint-Louis, e kúpis, bonés, para os polícias.

Eu estava na Indian Coffee House, na Rua Nebru. É uma sala grande com paredes verdes e tecto alto. As ventoinhas giram por cima de nós para manter em movimento o ar quente e húmido. O lugar está inteiramente mobilado com mesas quadradas iguais, cada uma delas com o seu complemento de quatro cadeiras. Sentamo-nos onde podemos, com quem quer que esteja à mesa. O café é bom e servem torradas francesas. A conversa é fácil de entabular. E, assim, um homem vivo, de olhos claros e já de uma certa idade, com grandes madeixas de cabelo muito branco, começou a falar comigo. Confirmei-lhe que o Canadá era frio e que realmente o francês era falado em algumas regiões e que gostava da Índia e assim por diante — a vulgar conversa ligeira entre indianos amistosos e curiosos e estrangeiros de mochila às costas. Ele recebeu a minha área de trabalho abrindo muito os olhos e acenando com a cabeça. Eram horas de partir. Eu tinha a mão no ar, tentando chamar a atenção do empregado para trazer a conta.

Então, o homem de idade disse: — Eu tenho uma história que vai fazê-lo acreditar em Deus.

Parei de acenar com a mão. Mas fiquei desconfiado. Seria ele uma testemunha de Jeová a bater à minha porta?

— A sua história passa-se há dois mil anos num canto remoto do Império Romano? — perguntei.

— Não.

Seria alguma espécie de evangelizador muçulmano?

— Passa-se na Arábia do século VII?

— Não, não. Começa aqui mesmo em Pondicherry há poucos anos e termina, tenho muito prazer em dizer-lho, exactamente no país de onde o senhor vem.

— E vai fazer-me acreditar em Deus?

— Vai.

— Isso é uma tarefa difícil.

— Não tão difícil que não consiga lá chegar.

O empregado apareceu. Hesitei por um momento. Pedi dois cafés. Apresentámo-nos. O nome dele era Francis Adirubasamy.

— Por favor, conte-me a sua história — disse eu.

— Tem de prestar a devida atenção — respondeu ele.

— Hei-de prestar. — Peguei na caneta e no bloco de notas.

— Diga-me, já esteve no jardim botânico? — perguntou ele.

— *Estive lá ontem.*

— *Reparou nos carris de um comboio de brinquedo?*

— *Reparei sim.*

— *Um comboio ainda circula aos domingos para divertimento das crianças. Mas costumava circular duas vezes por dia. Reparou nos nomes das estações?*

— *Uma chama-se Roseville. É mesmo ao lado do jardim das rosas.*

— *É verdade. E a outra?*

— *Não me lembro.*

— *A tabuleta foi retirada. A outra estação chamou-se em tempos Zootown. O comboio de brinquedo tinha duas paragens. Roseville e Zootown. Em tempos houve um jardim zoológico no Jardim Botânico de Pondicherry.*

Ele continuou. Eu tomava nota, os elementos da história.

— *Deve falar com ele — disse-me, acerca da personagem principal.*

— *Eu conheci-o muito, muito bem. Agora é já um adulto. Deve fazer-lhe todas as perguntas que queira.*

Mais tarde, em Toronto, entre nove colunas de apelidos Patel da lista telefónica, encontrei-o, a personagem principal. O meu coração pulava ao marcar o número. A voz que respondeu tinha um ritmo indiano no seu sotaque canadiano, ligeiro mas inconfundível, como um vestígio de incenso no ar. «Isso foi há muito tempo», disse ele. Mas concordou em encontrar-se comigo. Encontrámo-nos muitas vezes. Mostrou-me o diário que sempre escreveu durante os acontecimentos. Mostrou-me os recortes de jornal amarelcidos que o fizeram obscuramente famoso por um breve período. Contou-me a sua história. Eu tomava notas continuamente. Cerca de um ano mais tarde, depois de consideráveis dificuldades, recebi uma cassette e um relatório do Ministério dos Transportes do Japão. Foi ao escutar essa cassette que concordei com o Sr. Adirubasamy de que aquela era, de facto, uma história para nos fazer acreditar em Deus. Parecia natural que a história do Sr. Patel fosse contada principalmente na primeira pessoa, com a sua voz e através dos seus olhos. Mas quaisquer imprecisões ou erros são meus.

Tenho de agradecer a algumas pessoas. Estou obviamente em dívida com o Sr. Patel. A minha gratidão para com ele é tão vasta como o oceano Pacífico, e espero que a minha narrativa da sua história não o desaponte. Tenho de agradecer ao Sr. Adirubasamy. Por me ter feito começar a história. Estou grato a três funcionários de extraordinário profissionalismo por me

terem ajudado a completá-la: o Sr. Kazubiko Oda, presentemente na Embaixada do Japão em Otava; o Sr. Hiroshi Watanabe, da Oika Shipping Company; e, em especial, o Sr. Tomohiro Okamoto, do Ministério dos Transportes do Japão, hoje reformado. Quanto à centelha da vida, devo-a ao Sr. Moacyr Scliar. Por último, gostaria de expressar a minha sincera gratidão a essa grande instituição que é o Canada Council for the Arts, sem cujo subsídio eu não teria conseguido reunir esta história, que não tem nada a ver com Portugal em 1939. Se nós, cidadãos, não apoiarmos os nossos artistas, sacrificaremos a nossa imaginação no altar da crua realidade e acabaremos por não acreditar em nada e a sonhar com futilidades.

PRIMEIRA PARTE

TORONTO E PONDICHERRY

CAPÍTULO 1

O meu sofrimento deixou-me triste e desanimado.

Os estudos e a prática constante e atenta da religião trouxeram-me lentamente de regresso à vida. Conservei aquilo que algumas pessoas considerariam as minhas estranhas práticas religiosas. Depois de um ano de liceu, entrei para a Universidade de Toronto e obtive um duplo diploma de bacharel. As minhas especializações eram estudos religiosos e zoologia. A minha tese do quarto ano em estudos religiosos tratava de alguns aspectos da teoria cosmogónica de Isaac Luria, o grande cabalista de Safed do século XVI. A minha tese de zoologia era uma análise funcional da glândula tiróide da preguiça-de-três-dedos. Escolhi a preguiça porque o seu comportamento — calmo, silencioso e introspectivo — fez qualquer coisa para aliviar o meu ego destroçado.

Há preguiças-de-dois-dedos e preguiças-de-três-dedos, sendo o caso determinado pelas patas dianteiras dos animais, já que todas as preguiças têm três garras nas patas traseiras. Tive a grande sorte de, durante um Verão, estudar a preguiça-de-três-dedos *in situ* nas florestas equatoriais do Brasil. É uma criatura altamente intrigante. O seu único verdadeiro hábito é a indolência. Dorme ou descansa, em média, vinte horas por dia. A nossa equipa testou os hábitos de sono de cinco preguiças-de-três-dedos selvagens colocando-lhes sobre as cabeças, ao princípio da noite, logo depois de elas terem adormecido, pratinhos de plástico vermelho-vivo cheios de água.

Encontrámo-los ainda no lugar no dia seguinte, já manhã alta, com a água coberta de insectos. A preguiça está mais activa ao pôr do Sol, usando aqui a palavra activa no seu sentido mais descontraído.

Move-se ao longo do ramo de uma árvore na sua característica posição invertida a uma velocidade aproximada de quatrocentos metros por hora. No solo, rasteja até à sua próxima árvore à média de duzentos e cinquenta metros por hora, quando motivada, o que é quatrocentas e quarenta vezes mais lento do que uma chita motivada. Não motivada, percorre entre quatro e cinco metros por hora.

A preguiça-de-três-dedos não está muito informada acerca do mundo exterior. Numa escala de 2 a 10, em que 2 representa uma obtusidade invulgar e 10 uma extrema acuidade, Beebe (1926) deu aos sentidos do gosto, do tacto e do ouvido na preguiça uma classificação de 2 e ao sentido do olfacto uma classificação de 3. Se encontramos uma preguiça-de-três-dedos adormecida na selva, dois ou três abanões devem bastar para acordá-la; ela olhará então sonolenta em todas as direcções, excepto na nossa. Porque havia ela de olhar à sua volta é problemático, dado que a preguiça vê tudo numa mancha, como o Mr. Magoo. Quanto à audição, a preguiça se não é surda tem pouco interesse pelo som. Beebe relatou que disparar armas de fogo perto de preguiças adormecidas ou a alimentarem-se produzia pouca reacção. E o sentido ligeiramente melhor do olfacto da preguiça não deve ser sobrestimado. Diz-se que são capazes de farejar e evitar ramos apodrecidos, mas Bullock (1968) relatou que as preguiças caíam «frequentemente» ao chão por se agarrarem a ramos apodrecidos.

Pode-se perguntar como é que ela sobrevive.

Precisamente por ser tão lenta. A sonolência e a indolência mantêm-na afastada do caminho do perigo, afastam-na da atenção dos jaguares, ocelotes, águias e anacondas. Os pêlos da preguiça abrigam uma alga que é castanha durante a estação seca e verde na época das chuvas, por isso o animal mistura-se com o musgo e a folhagem que o rodeiam e confunde-se com um ninho de formigas-brancas ou de esquilos ou simplesmente como parte de uma árvore.

A preguiça-de-três-dedos leva uma vida pacífica e vegetariana em perfeita harmonia com o seu meio ambiente. «Há um eterno sorriso bondoso nos seus lábios», relatou Tirler (1966). Vi esse sorriso com os meus próprios olhos. Não sou dado a projectar nos ani-

mais emoções ou traços humanos, mas muitas vezes, durante aquele mês no Brasil, ao olhar para as preguiças em repouso, senti que estava na presença de iogues de cabeça para baixo em profunda meditação ou de eremitas em profunda oração, seres prudentes cujas intensas vidas imaginativas estavam fora do alcance da minha investigação científica.

Por vezes, as minhas especialidades confundiam-se. Alguns dos meus colegas de estudos religiosos — agnósticos confusos que não sabiam qual era o rumo ascendente, prisioneiros da razão, que confunde o brilho com o ouro — faziam-me lembrar a preguiça-de-três-dedos; e a preguiça-de-três-dedos, um tão belo exemplo do milagre da vida, fazia-me pensar em Deus.

Nunca tive problemas com os meus colegas cientistas. Os cientistas são um grupo amigável de ateus que trabalham arduamente, bebedores de cerveja, e cujas mentes, quando não estão preocupadas com a ciência, se preocupam com o sexo, com o xadrez e com o basebol.

Eu era muito bom estudante, se posso dizê-lo eu próprio. Estive no primeiro lugar no St. Michael's College durante quatro anos seguidos. Ganhei todos os prémios possíveis aos estudantes do Departamento de Zoologia. Se não recebi nenhum do Departamento de Estudos Religiosos, foi simplesmente porque não se atribuem prémios aos estudantes desse departamento (os prémios de estudos religiosos não estão nas mãos dos mortais, todos sabemos isso). Teria recebido a Medalha Académica do Governador-Geral, o mais alto prémio da Universidade de Toronto a não licenciados, que não poucos canadianos ilustres receberam, se não fosse um rapaz rosa comedor de bifés com um pescoço como um cepo e o temperamento de uma insuportável boa disposição.

Ainda sofro um pouco com o despeito. Quando se sofreu muito na vida, cada nova dor é simultaneamente insuportável e insignificante. A minha vida é como um *memento mori* da morte da arte europeia: há sempre uma caveira arreganhada ao meu lado para me lembrar da insensatez da ambição humana. Faço troça dessa caveira. Olho para ela e digo: «Escolheste o tipo errado. Podes não acreditar na vida, mas eu não acredito na morte. Vai-te embora!» A caveira

solta uma casquinada e aproxima-se mais, mas isso não me surpreende. A razão por que a morte se mantém tão perto da vida não é a necessidade biológica — é a inveja. A vida é tão bela que a morte se apaixonou por ela, um amor ciumento, possessivo, que agarra aquilo que pode. Mas a vida salta agilmente por cima da morte, perdendo apenas uma ou duas coisas sem importância, e o desânimo é a sombra passageira de uma nuvem. O rapaz rosado também obteve a aprovação do Comité Rhodes de bolsas de estudo. Gosto dele e espero que a sua estada em Oxford tenha sido uma experiência enriquecedora. Se Lakshmi, a deusa da saúde, me favorecer um dia com generosidade, Oxford é a quinta na lista das cidades que gostaria de visitar antes de me finar, a seguir a Meca, Varanasi, Jerusalém e Paris.

Não tenho nada a dizer da minha vida profissional, apenas que uma gravata é um nó corredio e, embora invertido como está, enforcará um homem se ele não tiver cuidado.

Amo o Canadá. Sinto saudades do calor da Índia, da comida, das ostras domésticas nas paredes, dos musicais na tela prateada, das vacas a vaguear pelas ruas, do crocitar dos corvos, até das conversas sobre os desafios de críquete, mas amo o Canadá. É um grande país demasiado frio para o bom senso, habitado por gente compassiva e inteligente, com maus penteados. De qualquer modo, não tenho casa para onde ir em Pondicherry.

Richard Parker ficou comigo. Nunca o esqueci. Ousarei dizer que tenho saudades dele? Tenho. Ainda o vejo nos meus sonhos. Estes são principalmente pesadelos, mas pesadelos matizados de amor. Tal é a singularidade do coração humano. Ainda não consigo compreender como é que ele me abandonou tão sem-cerimónia, sem qualquer espécie de despedida, sem olhar para trás uma única vez. Essa dor é como um machado que me retalha o coração.

Os médicos e as enfermeiras do hospital da cidade do México foram incrivelmente bons para mim. E os doentes também. Vítimas de cancro ou de acidentes de automóvel, depois de ouvirem a minha história, vinham a coxear e em cadeiras de rodas para me ver, eles e as suas famílias, embora nenhum deles falasse inglês e eu não falasse espanhol. Sorriam-me, apertavam-me a mão, davam-me

palminhas na cabeça, deixavam presentes de comida e de vestuário na minha cama. Provocavam em mim incontrolláveis acessos de riso e de choro.

Ao fim de alguns dias já me conseguia levantar, e até dar dois ou três passos, apesar das náuseas, das tonturas e da fraqueza geral. As análises ao sangue revelaram que eu estava anémico, e que o meu nível de sódio era muito alto e o de potássio muito baixo. O meu corpo retinha os líquidos e as minhas pernas inchavam extraordinariamente. Parecia que me tinham enxertado duas pernas de elefante. A minha urina era de um amarelo profundo e escuro, que se aproximava do castanho. Ao fim de uma semana, mais ou menos, conseguia andar por ali quase normalmente e poderia usar os sapatos se não tivesse de atá-los. A minha pele sarava, embora ainda hoje tenha cicatrizes nos ombros e nas costas.

A primeira vez que abri uma torneira, o seu jorro ruidoso, perdulário, superabundante, foi um choque tão grande que fiquei descontrolado, as minhas pernas cederam e desmaiei nos braços de uma enfermeira.

A primeira vez que fui a um restaurante indiano no Canadá usei os dedos. O empregado olhou-me com ar crítico e disse: «Acabado de desembarcar, não é?» Empalideci. Os meus dedos, que um segundo antes haviam sido botões de paladar, saboreando a comida um pouco antes da boca, ficaram sujos sob o seu olhar fixo. Ficaram hirtos como criminosos apanhados em flagrante. Não me atrevi a lambê-los. Limpei-os ao guardanapo com ar culpado. Ele não fazia ideia de como aquelas palavras me magoaram profundamente. Eram como agulhas, cravadas na minha carne. Agarrei na faca e no garfo. Mal tinha usado alguma vez tais instrumentos. As mãos tremiam-me. O meu sambar perdeu o gosto.

CAPÍTULO 2

Ele vive em Scarborough. É um homem baixo, esbelto, não mais de um metro e sessenta. Cabelo escuro, olhos escuros. O cabelo está a ficar grisalho nas têmporas. Não pode ter mais de quarenta anos. Uma agradável tez

cor de café. Está um suave tempo de Outono, mas ele veste uma grande parca de Inverno com capuz forrado de pele para o passeio até ao jantar. Rosto expressivo. Fala depressa, agitando as mãos. Nada de conversa fiada. Atira-se para a frente.